

Fundação Getulio Vargas

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)

Projeto: **Cientistas sociais de países de língua portuguesa: Histórias de vida**

Entrevistado: Luiz de Castro Faria

Local: Rio de Janeiro

Entrevistadora: Mariza Peirano

Transcrição: Maria Izabel Cruz Bitar

Data da transcrição: 10 de novembro de 2011

Conferência de fidelidade: Gabriela Mayall

Data da conferência: 14/06/2012

Entrevista: 20 de novembro de 1978

C.F. – A trajetória do Curt é muito longa. E não foi o Lowie que descobriu o Curt Nimuendajú. Quem descobriu o Curt Nimuendajú foi um pesquisador sueco, o conde Erland Nordenskiöld. Agora, isso só é apreensível na medida que você procure apreender quais são os interesses propostos academicamente ou por pessoas que ocupam posições importantes no campo da produção intelectual nesse momento. Na década de 1920, por exemplo, muitos museus americanos e europeus estavam interessados em completar coleções. Todos os museus etnográficos queriam ter amostras de todos os povos do mundo. É evidente que, primeiro, a África e a Oceania ocuparam a atenção desses museus, sobretudo europeus, e os americanos, com as próprias culturas tribais da América. Então, o Nimuendajú, inicialmente, era um coletor de dados. Você verá no trabalho... lerá, no trabalho que ele escreveu, essas coisas ficam muito claras. E você tem considerações de autores, que, em cada momento, estão falando daquelas coisas que têm mais aceitação, têm maior repercussão. Você não pode comparar Rivet com um antropólogo de outra época. Rivet, Métraux, Nordenskiöld, todo o grupo de língua alemã, da Áustria e da própria Alemanha, estavam interessados praticamente nas mesmas coisas, embora tivessem discordâncias teóricas: o grupo histórico-cultural de Viena, o grupo de evolucionistas, o grupo de boasianos. O Baldus teria sido, a partir de um certo tempo, mas também precisa ver a trajetória profissional do Baldus. O Baldus, que era um doutor pela universidade alemã, já veio totalmente formado para o Brasil, mas tinha sido aluno do Thurnwald e de vários outros.

Você pode ver na *Bibliografia*, tem os autores alemães que mais influenciaram. Ele teve uma formação... certa formação linguística, inclusive. O Baldus estava interessado, como todo mundo estava interessado, na documentação. Veja bem que é sempre um problema de documentação: documentar, de todas as maneiras possíveis, a vida e a língua das sociedades tribais. Você veja bem que será um dos grandes problemas da etnologia. Existe um comitê internacional das tarefas urgentes da etnologia, e o que ela se propõe é mais ou menos a mesma coisa que se propunha no fim do século XIX: documentar essas sociedades antes que elas desapareçam. Então, essa documentação abrangia coleções etnográficas, coleções... vocabulários. Então, o Curt fez sobretudo isso. Agora, o Baldus já tinha outras preocupações. Mas, na realidade, com essa *Bibliografia crítica*, ele fez praticamente uma etnografia da etnografia brasileira. Talvez, inclusive, por ser formado no estrangeiro, ele teve necessidade de se informar sobre tudo que tinha sido produzido no campo da etnografia no Brasil e conduziu esse trabalho [inaudível] auxiliar imenso, mas não completo, evidentemente.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

C.F. – Mas como esses discípulos entre aspas estão vivos – e ouvir o próprio Florestan –, você ouvirá deles mesmos que tipo de influência. Porque veja bem que, na época, a Escola de Sociologia e Política era uma instituição marginal. Em termos de USP inclusive...

M.P. – Em relação à USP.

C.F. – É muito marcada a distinção entre as duas coisas. E o Baldus jamais teve acesso à USP. Baldus limitou-se a ensinar na Escola Livre. Depois arranhou... ficou no Museu Paulista e chegou a diretor do Museu Paulista, mas que não era uma instituição de ensino, também.

M.P. – Mas fazia parte, institucionalmente, da USP, o Museu Paulista?

C.F. – Não. Passou a fazer parte, mas não era. Antigamente era uma instituição independente. Talvez essas coisas sejam... É importante fixar, inclusive porque o Museu Paulista, durante muito... Veja que o Museu foi antes um museu de história natural. Era muito mais no modelo aqui do Museu Nacional. Depois tiraram a parte de biologia toda e ficou só a parte de história e de etnologia e arqueologia. Mas fora da universidade. Depois passou a ser parte da universidade. Então, esse processo deve ter uma significação, em termos de como é

representada essa... a institucionalização. Porque antes, entre as instituições museus, eu acho que as relações estavam num... Nunca tinham sido muito estreitas, mas, em alguns casos, foi muito estreita, como, a partir de certa fase, com o Museu Goeldi, por exemplo. Porque o Galvão, que tinha sido do Museu e do Serviço de Proteção aos Índios [SPI], acabou no Museu Goeldi. E mesmo em outros domínios: biologia, botânica e geologia. O Museu Goeldi teve vários pesquisadores do Museu a serviço dele durante um certo período. No caso do Museu Goeldi, por exemplo, foram muito mais **estreitas** que com o Museu Paulista. Mas antagonismo, acho que nunca houve. Mas em relação à universidade, não digo que tenha havido propriamente antagonismo, mas havia sempre a ideia de que a antropologia de museus... Isso foi o que se generalizou aqui, na Europa e na América do Norte, que a antropologia de museu era uma antropologia mais tradicional, mais restrita e que a antropologia da universidade era uma antropologia mais aberta, mais ampla, mais abrangente. Isso era em termos de representação. Não creio que isso corresponda inclusive, necessariamente, para dizer que tenha sido. Eu ocupei, durante 30 anos, um lugar de ensino em universidade, mas na Fluminense. Porque aqui eu não poderia porque eu já tinha um lugar aqui. E antes de o Museu pertencer à universidade, já a antropologia da Nacional de Filosofia era do Arthur Ramos, que não tinha muita simpatia pela instituição e pela figura principal na época, a Heloísa Alberto Torres. Não comigo, porque sempre me tratou muito bem, tínhamos ótimas relações. Mas, em todo caso, eram duas instituições distintas. Lá era o domínio do Arthur Ramos e do grupo do... Porque era um grupo, quer dizer, não formou ninguém. Ficou só a Marina de Vasconcellos, que foi aluna, assistente e chegou a ocupar interinamente o lugar.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

C.F. – Esse **formato** do curso, você irá colhendo dados aqui, comigo, com o Roberto, com o Otávio etc. Porque a criação do curso de mestrado em antropologia social foi um passo adiante em relação a iniciativas anteriores. O próprio Cardoso tinha dado cursos aqui de especialização, de aperfeiçoamento, no qual tinham sido admitidos, tinham trabalhado com o Cardoso: o Roque Laraia, o Matta, a Alcida Ramos. Todos fizeram o curso aqui, antes do mestrado. Era um curso de pós-graduação, mas antes da institucionalização do mestrado.

M.P. – E antes disso...

C.F. – E antes disso tinha havido um pequeno curso... Tem uma notazinha publicada por mim nos Anais da II Reunião Brasileira de Antropologia, na Bahia. Se você quiser, você tira o xerox. São duas páginas ou três. Foi um curso que funcionou no SPI e no Museu do Índio, com o Darcy Ribeiro, o Cardoso, eu. Eu acho que na época representou um esforço realmente inovador. E com o apoio inclusive das próprias instituições governamentais. Porque esse curso do Darcy, promovidos pelo Darcy no Serviço dos Índios, eram financiados pela Capes. A própria instituição... Eu falo de instituições financiadoras. Elas estavam atentas à necessidade de formar quadros de especialistas etc. Apenas não tinham, formalmente, o significado e o valor de um mestrado, porque isso só veio a ser regulamentado posteriormente. Então, era um curso de pós-graduação, mas sem esses requisitos que foram exigidos posteriormente e com a titulação correspondente. Porque no Brasil não havia tradição nenhuma de curso de mestrado. Havia doutorado nas grandes faculdades, mas de outro tipo, sem defesa de tese. De maneira que eu não... Você pode acompanhar, realmente, toda uma série de iniciativas que acabam culminando. Mas é um processo que realmente a gente pode rastrear, pode acompanhar, iniciativas individuais e institucionais, mas sempre promovidas por alguém, como o Darcy Ribeiro e depois o Cardoso, mas que, afinal, acaba se convertendo numa iniciativa institucional. Porque hoje os mestrados aqui correspondem...

M.P. – Tem um programa.

C.F. – Tem um programa credenciado pelo Conselho Federal. Dentro do formalismo brasileiro, são iniciativas que correspondem plenamente às exigências, aqui e mesmo na América Latina. Porque no México, em todos aqueles com quem nós tivemos contatos, a Argentina... [Inaudível] está falando aí agora na Argentina, fazer um doutorado. Como ela só fez o mestrado, agora está metida no doutorado. De maneira que... E ela tem participado de reuniões no México e agora vai a uma reunião no Chile, me parece. Realmente, quando se fala em pós-graduação em ciências sociais...

M.P. – Em antropologia.

C.F. – ...em antropologia social, o que se pensa... Antes de ter... Agora tem em Brasília, mas como é posterior, ainda não atingiu... Porque esse está com dez anos. Estamos comemorando, esse ano, dez anos de fundação, de maneira que esse leva um pouco de vantagem. O Brasil inteiro [inaudível]. O nosso sempre conseguiu se impor mais amplamente, por causa desse... de

estar funcionando há muito mais tempo e os nossos contatos, inclusive, com estudantes de outras áreas aqui no Museu. Mas agora temos em Brasília e temos em Campinas, também.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

C.F. – Eu deveria ter seguido medicina. Eu cheguei a fazer o pré-**médico** e o vestibular, mas fiquei dependendo de vaga, que não houve, porque eram muito limitadas as vagas naquela época. De maneira que, nesse vestibular, eu não fiquei **dentro** do número de 40 vagas que tinham para a Faculdade Nacional de Medicina. Na realidade, eu tinha um interesse muito grande por história, então, comecei a fazer vários cursos que, na época, anterior inclusive à Faculdade de Filosofia, ofereciam a oportunidade de estudo além do nível médio. Então, eu comecei a fazer o curso do Museu Histórico Nacional, que oferecia, na época, inclusive disciplinas, ou cadeiras, como eram chamadas na época, que não eram oferecidas em ensino universitário tradicional. Tinha uma disciplina, uma cadeira de arqueologia e uma de etnografia, além de história social do Brasil. De maneira que eu fiz esse curso todo, e tive a atenção despertada pelo estágio do Museu Nacional que existia. Então, terminado o curso, eu comecei a trabalhar como estagiário no Museu Nacional. Aliás, ainda durante o curso, **eu tive uma discussão** com um dos professores de arqueologia, que era o Angione Costa. E a arqueologia, na época, era feita sobretudo pelo Museu Nacional e Heloísa Alberto Torres era o grande nome da arqueologia. De maneira que me apresentei aqui como um estudante interessado em arqueologia e etnologia. Depois o interesse por leituras e pelo aspecto histórico me levou a fazer o curso também de... Pouca gente sabe que eu me diplomei também em biblioteconomia, que era um curso que tinha história da literatura, história da bibliografia, a história do livro. Então, fui somando esses conhecimentos, e como estagiário aqui do Museu Nacional, trabalhando com a Heloísa Alberto Torres e com o Raimundo Lopes, que era a grande figura da etnologia na época. Já estava em curso esse tipo de aproximação e de estudo aqui no Museu Nacional, quando surgiu o problema da grande expedição franco-brasileira, a expedição do Lévi-Strauss. Nessa época, o Museu tinha muito contato com o Mário de Andrade, que era o diretor do Departamento de Cultura, em São Paulo. Ele passava tempos aqui no Rio trabalhando junto com o Patrimônio Histórico e tinha um contato, inclusive de amizade, um contato muito simpático com a Heloísa Alberto Torres. E essa expedição franco-brasileira foi feita com o patrocínio do Departamento de Cultura de São Paulo. De maneira que... Isso em fins de 1937. A expedição foi realizada em 1938. E nessa época havia o famoso Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas. Qualquer expedição estrangeira dependia de autorização

dessa comissão. E devemos recordar que, 1937 e 1938, em pleno Estado Novo. E o Lévi-Strauss era uma pessoa vista com uma certa suspeição no Brasil porque o grande patrono dele era o Paul Rivet, e o Paul Rivet chegou a ser deputado socialista na França e era considerado, no Brasil fascista de então, como uma pessoa *non grata*. De maneira que se exigiu inclusive a presença de um brasileiro nessa expedição, e eu fui o escolhido. Eu fui escolhido como representante do Departamento de Cultura de São Paulo e como o fiscal da expedição, como o representante desse conselho na expedição. De maneira que passamos um ano inteiro viajando. E essa dedicação à antropologia... Aliás, esse é um problema que se coloca inclusive, provavelmente, a você: que campo vai se cobrir com essa designação *antropologia*. Porque na época, talvez pela influência francesa sobretudo, antropologia, aqui, era também muito mais vista como antropologia física ou antropologia biológica do que com esse título que, hoje, realmente passou a dispensar uma especificação, embora se continue a dizer antropologia social ou antropologia cultural. Mas, na França, evidentemente que isso não existe: quando se fala em antropologia, se pensa logo em antropologia física. Desde a escola de Broca havia essa tradição, que é anterior à antropologia que veio a ser chamada cultural, que, na França, ia ser um campo da etnologia. De maneira que o indivíduo se autodesigna como antropólogo quando ele faz antropologia física ou biológica e como etnólogo quando ele faz isso que na América e na Inglaterra chamavam de antropologia cultural ou social. Na época, inclusive, a designação antropologia social era inexistente, pelo menos em termos de uso tradicional, no Brasil.

M.P. – Era etnologia...

C.F. – Era etnologia, etnografia, arqueologia e antropologia física. Essas três áreas tinham um desenvolvimento relativamente equilibrado. Mas teve, a parte biológica, sempre um grande peso. Porque Roquette Pinto, por exemplo, que era um grande nome da época, era um homem formado em medicina que tinha feito trabalhos considerados fundamentais em antropologia física. Embora depois, com Rondon, ele tivesse projetado o nome dele também na área [inaudível], mas em etnografia sobretudo e em arqueologia, também. Sempre, desde as primeiras... Isso numa época muito anterior, que eu não alcancei. Quando eu comecei a trabalhar no Museu Nacional, o Roquette Pinto já não estava no Museu. Ele fez a expedição do Rondon, a expedição... as linhas telegráficas estratégicas, de Mato Grosso ao Amazonas. Não só o Roquette Pinto, como zoólogos e botânicos. Vários pesquisadores do Museu Nacional participaram dessas expedições do Rondon. O Rondon procurava incorporar sempre cientistas, pesquisadores em ciências naturais – geólogos, botânicos, zoólogos e antropólogos – nas

expedições que ele realizava. E colecionava para o Museu Nacional, também. Tem um grande [espólio] de coleções da época da Comissão Rondon. Porque o SPI só tinha atividades realmente de pacificação e de assistência ao índio. Durante a realização das expedições, das expedições de exploração, o Rondon procurou incorporar, não só daqui do Rio de Janeiro como de São Paulo, cientistas que aproveitassem as condições propiciadas pelas expedições dele para realizar trabalho de botânica, zoologia e geologia. Mas nada havia em termos de curso. Porque esses cientistas existiam independentemente de qualquer vinculação com o SPI.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

C.F. – Eu não sei se a década de 1940 tem uma marca um pouco diferente das marcas de qualquer outro período anterior. O problema da periodização é sempre um problema um pouco complexo. Precisa ver com que temas nós estamos lidando. E eu acho que, também, tentar avaliar através só da atividade do Museu fica um pouco parcial, a visão, porque você tem as instituições, não só as do Rio como a de São Paulo, caminhando praticamente ao sabor das questões mais frequentemente colocadas. Esse problema das problemáticas que surgem. Então você tem, durante um certo período – eu não quero marcar datas –, você tem um interesse marcado... Inclusive, eu já escrevi sobre isso, em termos da antropologia biológica, em um trabalho que eu tenho sobre pesquisas de antropologia física no Brasil, de avaliação crítica, que vem até 1940 e poucos, exatamente, 1942, se não me engano. O interesse veio se deslocando. Veja que o primeiro assunto, quer dizer, o assunto que coloca inclusive as instituições brasileiras – sobretudo o Museu Nacional – a par das outras instituições estrangeiras mais tradicionais de pesquisa são os problemas sobre a origem do americano. Porque esse problema é colocado pela ciência europeia e americana, em parte, mas sobretudo pela ciência europeia. No fim do século XIX, por exemplo, o Brasil estava presente a todas as discussões sobre a origem do homem, em termos da problemática da época. Mas veja que o problema do homem antigo, o homem de Lagoa Santa, no Brasil, é discutido em todas as sociedades europeias da época, que era um dado que o Brasil oferecia a um debate já instituído no quadro das instituições europeias sobre a origem do homem americano, sobre a antiguidade do homem na América, sobre as raças. Porque o debate todo era em termos de problemas raciais, sobre as raças **indígenas**, sobre a diferenciação morfológica dessas populações. Quer dizer, no início, interessam-se muito mais pelo material ósseo, pelo material arqueológico, o material antigo do que pelo próprio índio. O índio, como sociedade, como grupo social, só atrai a atenção muito tempo depois. E você tem, depois, todo o interesse das viagens, os viajantes que vêm [inaudível] ao Brasil. Não os

viajantes da fase colonial nem da fase imperial, mas viagens de exploração e viagens etnográficas. É um problema ligado ao enriquecimento de museus europeus e americanos. Uma parte, americanos no Brasil, mas a maior parte, na América Andina, sobretudo, por causa do interesse, inclusive. Como o grande interesse era a arqueologia, o grande material, quer dizer, o material importante, do ponto de vista de colecionamento, o material mais valorizado é o material arqueológico. É evidente que a arqueologia peruana, como a arqueologia mexicana, tinham muito mais interesse, pela qualidade do material. Então, o Brasil, em termos de arqueologia, ficou muito mais em termos do famoso homem de Lagoa Santa, do homem mais antigo aqui na América do Sul, pelo menos. Mas há um interesse predominantemente, em termos de sequência, primeiro, pelas formas antigas, pelo homem, pelos restos ósseos – porque a antropologia era, sobretudo uma osteometria, um estudo comparado de resto de... esqueletos etc. –, e depois, por arqueologia, ou quase simultaneamente por arqueologia, e só mais tarde pelas sociedades tribais. Inclusive você vê que o Serviço de Proteção aos Índios é de 1910, portanto, já no século atual. De maneira que continua esse interesse etnográfico. É possível inclusive que esse desenvolvimento, aqui, quer dizer, essas marcas sejam muito próximas das marcas da própria América. Você vai lidar lá com essa bibliografia. Eu comecei a trabalhar aqui, em etnografia, sobretudo com o livro do Clark Wissler. Então, nessa época começaram a surgir essas temáticas, que marcaram muito a própria construção do objeto de pesquisa: o problema das áreas culturais. O problema da etnografia comparada, isso é década de 1920, mas vem muito depois. Então, os nossos livros aqui, os livros que os alunos, os estudantes tinham uma familiaridade total eram os livros do Clark Wissler, os livros desse barão Erland Nordenskiöld, que tem todo um projeto de publicação e de estudos de etnografia comparada, e além dos americanos, os dois franceses que tiveram grande influência no Brasil nessa época, em menos de 1930 e até 1940: o Paul Rivet e o Alfred Métraux, que estavam ligados, por sua vez, a esse grupo do barão Erland Nordenskiöld. Lembra-se que o Métraux publica *A religião dos tupinambá*, publica *A civilização material [das tribos] tupi-guarani*. São trabalhos de etnografia comparada. Sobretudo o livro sobre a civilização material das tribos tupi-guarani, é muito próximo, inclusive em termos de feição, de maneira de trabalhar os dados, é praticamente idêntico aos do Erland Nordenskiöld. Agora, depois, eu acho que... As datas, você depois escolhe. Depois começam a surgir... Aqui no Brasil, o interesse pelo negro. Tinha tido um período todo de trabalho muito mais de cunho histórico do que antropológico. No nosso campo, a publicação, ou a retomada da tradição dos estudos do Nina Rodrigues. O grande trabalho sobre os africanos no Brasil [*Os africanos no Brasil*] é póstumo, foi publicado muito mais tarde. Então, surgem esses trabalhos todos sobre sincretismo religioso, como o trabalho sobre

aculturação. Eu acho que essas marcas brasileiras estão muito em função dessas marcas, que são comuns a todo... em antropologia. Porque nós vivemos sempre em contato muito estreito com esses outros centros de produção e o trabalho no campo da antropologia. Você sabe que há várias cartas, uma correspondência bastante interessante entre o Roquette Pinto, a Heloísa Alberto Torres e o Franz Boas. Quem encaminha estudantes aqui para o Brasil, de antropologia, é o Boas, e depois do Boas, o sucessor, o Ralph Linton. Mas, por outro lado, havia a influência do Métraux e do Rivet, sobretudo. O Métraux era do grupo do Rivet, mas muito mais moço, mas como o Rivet viveu muito, passou dos 80 anos, a influência dele no Brasil foi bastante marcada. O Rivet talvez tenha sido ouvido em função do Lévi-Strauss, porque o Lévi se colocou, quando muito jovem ainda, um iniciante, como uma pessoa ligada ao Paul Rivet, mas não com a universidade, porque era outra...

M.P. – **É muito** com o Bastide.

C.F. – Não, com o Bastide... Inclusive... Não sei, mas não creio que tivesse havido. Precisaria esclarecer. Mas eu acho que são dois processos independentes. Os estudos sobre os negros, você vê que o Arthur Ramos... Porque o Arthur Ramos, por volta... Na realidade, ele passa a ocupar um lugar importante, em termos institucionais, por causa da cadeira na Faculdade Nacional de Filosofia. Isso é um problema também a esclarecer, porque antes da Faculdade Nacional de Filosofia houve a famosa UDF, a Universidade do Distrito Federal. Quem vem ensinar antropologia aqui é o Gilberto Freyre, que depois passa a cadeira dele para...

M.P. – Aqui no Museu Nacional?

C.F. – Não, na Universidade do Distrito Federal, a universidade que antecedeu a Faculdade de Filosofia, a chamada UDF – porque naquela época era o Distrito Federal –, uma instituição totalmente diferente, muito mais aberta.

M.P. – E termina depois que o Estado Novo...

C.F. – É. Acabam com a instituição. Gilberto Freyre é que vem. E depois, como já tinha contatos com a Heloísa Alberto Torres, ela passou a ensinar também. Acho que ele só **ficou** um ano. Mas isso tem uma literatura já produzida sobre essa instituição, sobre o negócio do ensino, da disciplina atribuída ao Gilberto, o tipo de curso que ele dá e, depois, do fato de ter passado, a

Heloísa Alberto Torres, que vivia fora do quadro universitário... Porque o Museu, nessa época, não era da universidade; era do MEC. Mas a participação da vida universitária – ela acabou titular do que é hoje a Uerj – foi em termos dessa participação inicial na UDF. Então, o Arthur Ramos era um homem muito mais ligado aos problemas do negro, pelo fato de ter estudado medicina na Bahia, e ter tido contato com a chamada escola de Nina Rodrigues. A maior parte da obra dele, sobretudo a parte mais original, provém do estudo sobre o negro. De maneira que ele deu um prestígio acadêmico muito grande a esses estudos. Mas convém ver também a relação dos chamados congressos afro-brasileiros – teve um em Recife e teve um em Salvador. Esses congressos dão uma ideia de quem estava fazendo o quê naquela época e que tipo de problemas eram colocados. Mas, enfim, é um problema que ficou inclusive como uma das supostas contribuições brasileiras, o chamado estudo do sincretismo religioso afro-brasileiro. É uma temática que ainda é viva e muito ainda, pelo menos em alguns casos, dentro de toda essa representação ainda do grupo do Arthur Ramos, o estudo do sincretismo e mesmo estudos de aculturação, também. Bom, é evidente que uma das coisas importantes nessa... sem [inaudível] situar, eu acho que já mencionei a você, é o problema do trabalho de campo, e isto está intimamente ligado a toda... manifestações inclusive do Boas, que considerava o trabalho de campo como uma condição básica... E não só considerava condição básica para a produção de qualquer trabalho cientificamente válido como ele estipulava – e ele era muito explícito – as condições mínimas para que esse trabalho fosse realizado. E ele era muito exigente. Então, o tempo de permanência no campo, falar a língua nativa eram condições, para ele, indispensáveis à realização de qualquer trabalho. [Inaudível] um valor quase que mágico. Falar em *fieldwork* era dar autenticidade ao trabalho. Então, há vários outros acontecimentos que marcam. No campo do estudo do negro, você sabe que a própria Unesco teve uma participação nessa década: depois da guerra, o grande projeto que reuniu um grupo de pesquisadores americanos, o grupo do Wagley, que produziu várias monografias na Bahia – tem um projeto que está escrito inclusive, **pelo** Charles Wagley e o Thales de Azevedo –, o grupo de São Paulo, com o Florestan, o Oracy e vários outros...

M.P. – Roger Bastide...

C.F. – Bastide... Era um projeto só. As áreas de pesquisa foram atribuídas a diferentes pesquisadores, mas era um grande projeto da Unesco. De maneira que esse negócio do negro esteve sempre muito presente. Agora, as determinações, em termos de estudos de sociedades tribais indígenas, são outros, evidentemente, e há alguns muito importantes nessa época. A

própria... O Projeto Brasil Central, que foi a redescoberta do Xingu, com a realização de expedições com o pessoal do Museu participando. É um trabalho, sobretudo da época do Eduardo Galvão, que pertence já a essa geração de profissionais que foram procurar um título, um Ph.D. no exterior. Esse projeto, inicialmente, chamou-se Brasil Central, ainda no tempo do Getúlio, depois se transformou na Fundação Brasil Central e depois no Parque do Xingu. Você tem toda uma história, uma história inicial do desbravamento, de expedições, com o João Alberto, com o coronel Vanique, que era uma pessoa muito ligada ao Getúlio, ao grupo de poder, mas com a participação de elementos do Museu Nacional e com a parte de etnografia. Os primeiros trabalhos do Galvão são todos como participação do Museu nesse projeto, o projeto de desbravamento da área do Xingu, de reconhecimento geográfico, de ocupação da área, e depois foi se desdobrando, até chegar ao parque, à reserva indígena, com o Villas Bôas etc. Essa é a parte final de todo um processo. Possivelmente, o Serviço participou também, em termos das incumbências que eram exclusivas do SPI. Mas, o Projeto Brasil Central deve-se inscrever entre os vários projetos nacionalistas da época, dentro da ideologia governamental, como houve a conquista do Oeste, da Amazônia. Isso faz parte da ideologia do poder na época, incorporar novas áreas. Isso é muito importante porque, veja... Sempre em função do que vai se definir no fim, que área se vai cobrir por essa história da antropologia. Mas evidentemente que a antropologia, em termos de estudo de sociedades tribais, sempre esteve muito ligado ao próprio Serviço de Proteção aos Índios, por um lado, em termos de legislação, das condições de acesso, e por outro lado, a condições práticas de realização de pesquisa em áreas afastadas. Esse é um problema: até quando a antropologia é pensada simplesmente em termos de antropologia de sociedades tribais? Porque veja bem que é um problema inclusive em termos dos próprios... dos chamados estudos sobre o negro. Durante um período, isso recai muito mais, primeiro, no campo da história; depois, do *folklore*. É extremamente abundante a produção, em termos de uma dimensão que se poderia chamar de folclórica, desse estudo sobre o negro. E depois, uma parte também de sociologia das religiões. Ao final, precisamos ver como encarar toda essa diversidade, inclusive se ela é redutiva numa categoria única. Porque os estudos de antropologia, durante um período, quase que eram entendidos como estudos de sociedades tribais. Mesmo em termos da modernidade aqui, nossa, só agora que nós temos, aqui no Museu inclusive, uma antropologia urbana, uma antropologia de sociedades [inaudível], camponesas e até de operários e fábricas. Bom, é claro que ele teve... Quer dizer, pensando em Darcy desse tempo, porque depois a coisa se modifica muito, inclusive em termos de níveis de participação dentro do processo de decisão etc. Mas enquanto funcionário – a categoria é inevitável – do Serviço de Proteção aos Índios, ele desempenhou um papel importantíssimo, porque foi

realmente... Não sei se foi ele, você confere isso, se ele criou ou se já existia. De qualquer maneira, se existia, foi ele que deu consistência à Seção de Estudos do SPI, e levando para lá o Eduardo Galvão inclusive, levou o Roberto Cardoso. Quer dizer, ele criou realmente, dentro do Serviço dos Índios, que era uma repartição burocrática, pensando-se **[inaudível]** em termos assistenciais, em termos de proteção, ele foi que procurou criar um setor de estudo, de pesquisa e, além disso, de reprodução de profissionais, utilizando elementos de lá, como o Galvão, que serviu ao Museu e depois serviu a ele lá; o Cardoso, que foi de lá e depois eu trouxe para o Museu. Mas, enfim, ele esteve ao mesmo tempo preocupado com a elaboração de pesquisas – ele trabalhou muito nessa época, em termos de trabalho de campo – como ele procurou também formar quadros. De maneira que, sem dúvida nenhuma, ele desempenhou um papel muito importante. Bom, o problema... Naturalmente, você vai relativizar isso. Porque aqui no Brasil se personaliza muito as coisas. Realmente, eu não só trouxe o Cardoso como tive condições de fazer nomear o Roberto DaMatta, o Roque e vários outros, a Alcida Ramos, que foi daqui também, durante um período. **[Inaudível]** exclusivamente meu; é porque as condições institucionais, nesse período, permitiam que um chefe de departamento, diante de uma justificativa adequada, ampliasse o quadro. As coisas talvez fossem mais fáceis do que hoje. Mas, enfim, eu... Tentei inclusive trazer várias vezes o Galvão. Tem cartas dele aí. Eu propus formalmente à universidade e o Galvão, por exemplo, eu não consegui. Ele inclusive chegou a colocar esse problema. Ele já estava lá em Belém, mas não tinha a situação ainda definida, e ele pressionou um pouco, mostrando que aqui nós queríamos ele, já tínhamos tomado todas as medidas, mas ele acabou decidindo por lá porque, afinal, também lá criaram um quadro e deram uma situação estável e ele ficou por lá. Mas, realmente, eu tive condições de ampliar o quadro e diversificar o interesse. Também, certamente, as condições do trabalho e as aberturas – a palavra está na moda – se colocavam historicamente. De maneira que não havia, no meu tempo, nenhuma limitação, quer dizer, eu podia trazer gente que estivesse interessada em qualquer tipo de problema, sem maiores dificuldades. Isso, aliás, é uma marca do Museu Nacional e mesmo do nosso programa aqui. As nossas 56 teses mostrarão realmente uma grande diversidade em termos de campo, porque nós só nos limitamos a exigir, e exigimos muito, quanto à qualidade do trabalho. Nós não forçamos ninguém a trabalhar nisso ou naquilo. Então, você verá que há uma grande diversidade, porque aqui realmente é um programa que não impõe que se trabalhe nisso ou naquilo outro. Nós só cuidamos de assegurar o nível do trabalho, o nível mínimo. Somos muito zelosos, mas não impomos. Então, você tem aqui teses sobre futebol, sobre escola de samba, sobre sociedades tribais, sobre camponeses do Nordeste. Temos uma vasta gama de trabalhos, mas todos de muito boa qualidade. Mas não há nenhuma pressão, no sentido de o

aluno trabalhar de acordo com determinada orientação ou trabalhar sobre determinados objetos. Isso depende de um entendimento entre o orientado e o orientador, mas sempre sem nenhuma imposição.

M.P. – E foi nessa época que o Roberto Cardoso vem para cá que se estabelece o programa de aperfeiçoamento e a pós-graduação, depois?

C.F. – Isso é uma fase já posterior. Ele, a princípio, trabalha como um dos nossos, um dos nossos pesquisadores.

M.P. – Ah, ele vem como pesquisador?

C.F. – Vem como colega nosso. É admitido aqui. Você pode ver inclusive pelo currículo dele e em entrevistas com ele. Porque nós inclusive, nessa época, tínhamos condições de editar. A primeira edição do livro dele [*O processo de*] *assimilação dos terena* foi feita pelo Museu Nacional. Nessa época, ele já tinha estagiários e alunos de curso. Porque há diferentes níveis de formalização desses cursos, mas toda essa geração mais intermediária, a Alcida, o Roque, o Roberto DaMatta, eles foram alunos do Cardoso, nessa condição de estagiários do curso de especialização, e trabalharam com o Roberto no campo. Era considerado como uma fase do próprio curso, do próprio treinamento. Eu e outros colegas dávamos aula, mas a responsabilidade do curso era quase que exclusivamente do Cardoso. Isso você encontra na própria ordem cronológica dos trabalhos do Cardoso, toda essa progressão, esse desenvolvimento em termos dos projetos dele. Porque, inclusive, o Cardoso sempre fez questão de divulgar, de publicar os projetos de pesquisa, então, o projeto sobre fricção interétnica está publicado. A gente pode saber como ele pensava o problema na época. E com o tempo ele muda, evidentemente, em termos de algumas colocações, mesmo algumas substantivas, o que é natural em quem está produzindo um trabalho nesse setor. E ele sempre publicou os projetos, então, dá uma ideia bastante exata de como essas coisas se desenvolveram. Você pode pedir inclusive a permissão para ter acesso a esses relatórios do programa. Porque o programa está fazendo dez anos – fez dez anos em agosto –, e nesses relatórios há, em geral, um histórico sobre... São relatórios administrativos que têm que se fazer para os órgãos financiadores, a Ford, inicialmente, e depois a Finep. É só em termos de uma história tal como ela se apresenta em documentos formais. Você vai ter que fazer um confronto entre depoimentos do tipo que eu

estou dando a você e que outros colegas darão e a história convencional tal como ela se apresenta em documentos oficiais.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

M.P. – Nesse momento, a vinda do David Maybury-Lewis, com o Projeto Brasil Central, mas dirigido de fora e chegando ao Museu, e a relação entre os estudos que se fazia no Museu nessa época e os estudos que vieram a se fazer posteriormente. O senhor vê como algo que teria mudado o rumo do que se tentava fazer na época? Ou há uma conciliação entre os dois projetos?

C.F. – Mudar o rumo, em hipótese nenhuma. Eu não queria nem mesmo que fosse conciliação, porque as relações, sobretudo no caso do professor David, são relações muito antigas e muito cordiais, de maneira que... e a possibilidade de discussão, de intercomunicação e de reavaliação estava sempre tão presente que eu acho que o que se fez foi mais o resultado de consenso. Não creio que tivesse jamais apresentado qualquer imposição. E, de qualquer modo, o que foi feito dentro do projeto foi feito de comum acordo. Todos os daqui estavam muito a par das intenções, dos objetivos do projeto. Eu acho que é uma pergunta que se coloca realmente mais em termos da produção resultante desse convênio, porque há um número grande de trabalhos realizados em decorrência desse projeto. Há alguns trabalhos de brasileiros – tem o Matta, que fez todos os cursos lá, o mestrado e o doutorado, em Harvard, que é autor de uma tese que provavelmente será muito diferente de outras teses de outros americanos que trabalharam também no projeto. Mas isso você terá condições lá de avaliar – inclusive, em Harvard, mais facilmente do que nós –, tentando levantar e analisar criticamente todos os trabalhos considerados como produzidos em função desse projeto. Porque muitos não estão publicados. Talvez, a maioria é em forma de tese. Então, seria interessante, inclusive para nós, a avaliação desses trabalhos e o próprio depoimento do David a respeito de o que significou isso como um empreendimento acadêmico, em termos de um projeto conjunto.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

C.F. – Veja bem, o interesse pela realização de monografias tribais é muito anterior ao Projeto Brasil Central. Você tem uma série de trabalhos, do Galvão, do Charles Wagley, do Murphy, e inclusive de americanos, que não têm nada a ver com isso. Inclusive, a grande proposta dos

chamados boasianos era, exatamente, essas monografias. Então, foram realizadas uma série de monografias, não só por brasileiros como por americanos, muito antes.

M.P. – Mais por americanos do que brasileiros, o senhor diria?

C.F. – Esse número... Talvez. Não sei. Essa contagem, para dizer o maior número, não sei. Mas você veja que nós tivemos aqui... E desde o tempo do Boas. O Jules Henry vem ao Brasil, em contato com o Museu Nacional através do Boas, para estudar *jungle people* [*Jungle people*]. Mas aquele livro, que data é aquilo? É da década de 1920. Depois você tem uma série de americanos, como o Murphy, que vem estudar munduruku; Lipkind, que vem estudar karajá. Vários que vêm estudar, dentro dessa proposição do grupo norte-americano e de antropologia de um modo geral. Se você pegar a França na época, você tem monografias, não sobre o Brasil, mas tem sobre África, sobre outras áreas. Monografias. A monografia não tem nada a ver com isso, ela é muito anterior, desde Malinowski. As monografias. Veja bem, depois você tem um certo momento histórico e acho que o trabalho que retoma esses problemas, anterior ao do Cardoso, é o próprio trabalho do Darcy Ribeiro sobre as situações de contato, o problema da despovoação indígena. Então, essa mesma problemática do contato das sociedades tribais com a sociedade nacional maior e envolvente adquire um certo vulto, um certo nível de preocupação com a colocação do Roberto Cardoso, mas uma coisa não exclui a outra nem antecede. Veja bem, o Matta continua interessado, esteve nos apinajé esse ano, e estudar ritual, o carnaval, ele está estudando. Ele está tão interessado no ritual carnaval ou em escola de samba como está interessado em ritual indígena. Eu acho que **esses cortes** são realmente impensáveis. Não há realmente essa distinção. E você tem, teve e continua a ter hoje o pessoal aí: o João Pacheco, que tem um interesse grande por problemas de contato etc., mas que... e o Eduardo Batalha, que fez uma monografia sobre o Xingu. Há várias monografias sobre o Xingu, além de um aspecto mais etnográfico, como o grande projeto que é dirigido aí pela Heloísa Fenelon Costa, que tem um financiamento apreciável da Finep e que continua a estudar Xingu, em termos de coleções, em termos de etnografia comparada, em termos de arqueologia ou como queiram chamar, ou mesmo em termos mais modernos, ultra-atuais, de semiótica dos objetos e essa coisa toda. Eu acho que não há nunca a substituição de uma coisa por outra. Isso depende, aqui, realmente da opção que cada um faz em termos de trabalho. Darcy Ribeiro era um que só pensava em sociedades tribais e passou também a trabalhar até com a sociedade latino-americana como um todo, até com o processo civilizatório no universo. Eu acho que cada um de nós, cada profissional descobre o caminho que melhor lhe convém e faz as coisas que são possíveis de

fazer. Pensar que no Brasil, realmente, os quadros institucionais são relativamente pequenos. A minha própria experiência aqui... Quando eu fiz concurso para o Museu Nacional, eu devia ser igualmente competente em arqueologia, etnografia e antropologia física... etnografia e antropologia social. A prova escrita era uma prova geral, e a prova prática – havia uma prova de etnografia prática –, me deram uma peça da Oceania, uma da África, uma da América do Norte – eram cinco peças –, e só duas do Brasil, e eu tinha que identificar essas **peças**. Porque se entendia então que um antropólogo devia ter um conhecimento geral muito amplo. A prova escrita, então, qualquer ponto podia cair. Agora, a prova de tese, a prova prática era mais em comum com o grande domínio. Eu, por exemplo, teria que fazer ou arqueologia ou etnografia, e fiz tudo junto, mas não antropologia biológica. Para quem se inscreveu, no mesmo concurso, para antropologia biológica, a prova prática era medir gente, medir crânio, fazer uma prova prática usando todo o instrumental e todas as técnicas da antropologia biológica. E para a outra, para a antropologia não biológica, eram consideradas como técnicas comuns a arqueologia, a etnologia geral e comparada. Eram consideradas como o outro grande domínio conjunto. Então, eu trabalhei em arqueologia, publiquei em arqueologia, publiquei em antropologia física e em etnografia. Mas isso, evidentemente que hoje é impensável, mesmo que se... Ninguém passaria aqui no concurso. Não porque sejam menos capazes, mas é um tipo de capacidade que perdeu o sentido, ninguém procura mais transmitir. Quando eu comecei a trabalhar aqui, em pouco tempo eu tinha um pequeno contrato, que era pequeno realmente, mas logo depois de... Participar da expedição em Mato Grosso, em termos da carreira, era excepcional, mas não era só isso, é que... Vou lhe dar o dado objetivo, que eu me lembro muito bem: em fins de 1939, eu fui nomeado... A carreira, aqui, na época, chamava-se naturalista. Abrangia, portanto, todos os... Todos tinham o mesmo nome, naturalista; depois é que foram separando por especialidade. Eu fui nomeado naturalista interino – aguardando esse concurso que eu fiz depois – e, nessa época, eu ganhava 1.500, era o vencimento, um conto e quinhentos. Era pouco menos que o vencimento de um professor catedrático da universidade. Então, em termos realmente financeiros, o nível de remuneração era um nível de remuneração bastante superior ao comum, em termos de emprego público. Então, não havia problema porque, com o dinheiro daqui, dava para viver independente. A minha família é toda fluminense, mas vivia no Rio. Viverem aqui no Rio. As últimas gerações [**inaudível**] de fazendeiros de Campos ou de um município próximo: São João da Barra. Entre São João da Barra e Campos. Havia propriedade de um lado e do outro. Mas era a tradição [**inaudível**].

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

C.F. – Eu acho que é muito mais um problema relativo às grandes problemáticas historicamente colocadas de que uma tradição. A tradição... Sobretudo em termos institucionais do Museu. Evidentemente que a tradição, aqui, era muito mais uma tradição etnográfica. Era realmente... Não só aqui como em qualquer instituição europeia da época e mesmo norte-americanas. Como você está lá, isso era um problema interessante a esclarecer lá, da geração de antropólogos americanos desse mesmo período, o que haverá de diferente em termos de profissionais situados em áreas de ensino, em universidades, profissionais situados em instituições só de pesquisa e em instituições de pesquisa e ensino. Em algumas áreas, na América, mesmo que a instituição não pertença, há uma tradição muito antiga de participação do curador do museu – por exemplo, em Nova York – em ensino na universidade. É o caso de Columbia. Lá em Harvard, você tem o Peabody Museum que é da universidade. Agora, você tem uma outra tradição que é tipo o Smithsonian Institution, onde há pesquisadores... Estou pensando em dois amigos meus muito cordiais, muito amigos do Brasil, Clifford Evans e Betty Meggers, que só ensinavam, até hoje, aqui no Brasil, porque lá na América eles, absolutamente, não participam e não querem participar e têm uma visão crítica bastante mordaz a respeito dos que ensinam e se incorporam a grandes universidades. Você vai registrar isso, vai [inaudível] o Gordon Willey, por exemplo, que é lá de Harvard. Foram colegas e tal. Realmente, eles se orgulham – e explicitam isso – de pertencer a uma instituição que não tem nada a ver com ensino. E seria interessante não só... Esses são arqueólogos, os dois, uma área... Mas, em todo caso, com grande desenvolvimento acadêmico e universitário nos Estados Unidos. [Inaudível]. Mas lá dentro do Smithsonian existem outros especialistas – em história social, em história americana, em etnografia comparada – que não têm nada a ver com ensino. É uma instituição que não ensina. De maneira que, realmente, eu acho que há uma diferença marcante entre uma instituição tipo o Museu Nacional, tipo o Museu Goeldi, tipo o Museu Paulista e uma instituição puramente universitária. E no caso de antropologia, isso foi muito marcado – inclusive porque foi chamada, com muito desdém, o tipo de antropologia feita nos museus, como “antropologia de museus”, a antropologia que corresponde a essa etnografia das décadas de 1920 etc., todo um trabalho de etnografia comparada, mas construído a partir de coleções de museus. Embora a posição dentro da universidade seja uma posição bastante particular, singular. Tanto que o Museu é considerado uma instituição de pesquisa, precipuamente, e de pós-graduação. Nunca de graduação. Nós somos vedados. Mesmo que nós quiséssemos dar um curso de graduação, jamais permitiriam. Isso é privativo de escola. Agora, o Museu, então, trabalha apenas no nível de pós-graduação. Mas isso é um desenvolvimento muito recente. Agora, existiu essa forma

artesanal – historicamente comprovada – de formar aqui através de estágios, de convivência com um pesquisador, mas, justamente, sem um compromisso com a atividade didática. Isso é um problema que você deve ter que enfrentar, historicamente. Porque eu me lembro inclusive de um artigo em *Science*, já há algum tempo, com o título: Afinal, quem vai ensinar nas universidades? Americanas. Não é aqui, não. Um problema grave que estava se colocando em várias universidades americanas, de quem vai ensinar. Porque como, socialmente e em termos de financiamento e de custeio, toda a atenção está voltada para a pesquisa e o professor deve provar que é um grande pesquisador, há universidades que chegaram a ter dificuldades em programar cursos, porque nenhum professor tem tempo para ensinar. Estão todos redigindo os seus trabalhos, preparando relatórios para os órgãos de financiamento e têm muito pouco tempo para ensino. Eu devo ter fichado, mas em *Science*, há algum tempo atrás surgiu um artigo exatamente com esse título: Afinal, quem vai ensinar? E mostrando realmente que hoje um pesquisador tem que fazer relatório para o Conselho Nacional de Pesquisa, [**inaudível**] para o Conselho de Pesquisa; [**inaudível**] Ford Foundation, tem que fazer para a Ford; tem que fazer para... Enfim, para todas as instituições que financiam as pesquisas. Tem que produzir trabalhos e publicar, para que esse órgão financiador renove a sua... Então, realmente, ele fica com muito pouco tempo para o ensino e sempre...

M.P. – E **desgasta**.

C.F. – Toma tempo e não vai servir para ele pleitear um fundo, um *grant* especial para... Então, esse é um problema e que aqui existe, realmente, inclusive existe em termos de um certo mal-estar. Porque a universidade quer nos exigir graduação, também. E aqui nós reagimos sempre, dizendo que nossa área é só pós-graduação etc. Eles acham que nós somos professores como os outros, então, devemos também participar da graduação. Quer dizer, não daremos aqui, mas iremos dar um semestre lá na faculdade. Mas esse é um problema que se coloca historicamente. Isso não existia antes: quem era pesquisador era pesquisador, quem era professor era professor. O professor não precisava provar que era também pesquisador. Inclusive, o tipo de produção que se esperava dele era o livro didático, um bom livro, um bom compêndio. Talvez, muitos dos grandes autores americanos tivessem ficado muito mais conhecidos através dos compêndios, como Kroeber, Lowie, Kluckhohn, do que pelas monografias, pelos próprios trabalhos. Agora, hoje não, hoje se exige que o professor prove que é pesquisador, então, surgiu realmente esse problema.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

C.F. – E é interessante não só sob esse aspecto mas sobre outros trabalhos do Darcy, sobretudo nessa fase de produção mais recente, que é um problema com o qual nós temos lidado aqui – o Alfredo, que é meu assistente de pesquisa, já escreveu um trabalho sobre Euclides da Cunha –, que é o problema da pluralidade de classificações, e que é um problema muito interessante e que se coloca sobretudo para as ciências sociais. Porque Gilberto Freyre, por exemplo, com o qual, aliás, o Darcy estabeleceu uma certa aproximação... Você deve ler o prefácio à *Casa-grande & senzala* que saiu em espanhol. Porque o Gilberto é classificado como... Ele mesmo se autoclassifica como antropólogo sociólogo. Agora, é classificado como historiador social, como escritor, como romancista, como teatrólogo, como... Ele produz em todos os campos. E alguns autores, como foi o caso estudado pelo Alfredo, o caso do Euclides da Cunha, que é classificado como geógrafo, como geólogo, como antropólogo, como sociólogo, como escritor, autor de um poema épico... Quer dizer, *Os sertões* também é visto como documentação, é visto como um poema em prosa de caráter épico. Quer dizer, é analisado sobre vários... É classificado de uma maneira plural. Ao passo que, evidentemente, um químico é um químico, um físico é um físico, um matemático é um matemático. Nas ciências sociais... Por isso, inclusive, eu acho que o uso das próprias categorias é uma coisa interessante, porque o... Tornou-se praticamente consensual que, na América, todos que fazem antropologia são antropólogos. Não é bem o caso. Esse é um capítulo do Robert Lowie, do livro dele de memórias que se chama *Robert Lowie, ethnologist*. O que é afinal ser etnólogo? Por que ele usou etnólogo e não antropólogo? Você tem, da Margaret Mead, o trabalho sobre a Ruth Benedict, *Um antropólogo em ação*. Por que essa permissividade? Por que o sujeito pode ser chamado ao mesmo tempo de etnólogo e antropólogo social e antropólogo cultural, ou simplesmente antropólogo, ou sociólogo, ou antropólogo sociólogo? O que quer dizer isso? O interessante é verificar o que está por trás disso. Porque não é gratuito. Evidentemente que o Lowie, escrevendo, no fim da vida, um livro de memórias, não usou etnólogo, ou etnologista por acaso, evidentemente. E, aliás, eu acho que ele define. Acho não; ele define. Não deve estar aqui porque esse é um capítulo apenas sobre o contato dele com o Curt Nimuendajú. Mas nesse [livro] ele diz o que é etnologia para ele. Evidentemente, ele escolheu o termo; não fez um uso casual. Ele escolheu o termo. Eu acho que essa é uma pesquisa que vale a pena a gente fazer. Nós fazemos isso, aqui, com várias categorias. Algumas categorias têm uma temporalidade própria: foi usado por um certo período e depois não pode ser usado mais. Outras são contemporâneas, mas querem dizer outra coisa. Em determinadas situações, aqui no Brasil, eu não tenho dúvida nenhuma que sociologia... Note

bem, não estou mentalmente me referindo a nenhuma das pessoas citadas, mas, aqui no Brasil, em certas circunstâncias, conjunturas, sociologia foi usado porque ela confere muito mais prestígio que antropologia e muito mais que etnologia. E isso tem importância em relação a toda a representação das atividades de instituições como museus, que colecionam peças. A sociologia é ciência teórica, quer dizer, você pode produzir em bibliotecas, em gabinetes, lendo. A outra não, a outra inclusive parte do pressuposto que você é que cria o objeto de estudo, viajando, descobrindo tribos. O ideal é você exatamente escrever o que não tem ainda em biblioteca nenhuma. Isso existiu realmente e é uma coisa interessante de você ver. Eu acho que, levantando um certo número de dados, você poderá pensar então **nos cortes**, nessas temáticas, enfim, como estruturar. Mas essa sua observação é ótima, de você ter perguntado ao Matta por que se prefere sociologia, nesse caso, e não antropologia. No entanto, o outro livro dele chama-se *Ensaio de antropologia estrutural*.

[FINAL DO DEPOIMENTO]